

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

**COMPREENSÃO SOBRE IDOLATRIA NA BÍBLIA E NO
CONTEMPORÂNEO**

Ednaldo Josué dos Santos

SÃO PAULO

2021

Ednaldo Josué dos Santos

**COMPREENSÃO SOBRE IDOLATRIA NA BÍBLIA E NO
COMTEMPORÂNEO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito final no curso
de Bacharel em Teologia da Faculdade
Teológica Batista de São Paulo.

Orientador: Prof. Ms. Lucas Merlo

SÃO PAULO

2021

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

Ednaldo Josué dos Santos

**COMPREENSÃO SOBRE IDOLATRIA NA BÍBLIA E NO
COMTEMPORÂNEO**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Lucas Merlo – Orientador

Prof. (...) – Leitor

SÃO PAULO

2021

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Joás (in memorian) e Reginalda,

que jamais desistiram de me incentivar de todas as formas.

A minha esposa Jamile,

que suportou pacientemente todo o processo da graduação e da conclusão deste trabalho.

Ao meu filho Hugo,

que me faz experimentar da graça do evangelho diariamente.

A minha querida igreja (IBPN) e aos irmãos e irmãs que nela congregam,

que me suportaram (inclusive financeiramente) com alegria e são instrumentos de Deus que me moldam cada vez mais à semelhança de Cristo.

Sou profundamente grato a
Deus, que sempre provê tudo o que é necessário para que Seu nome seja
glorificado, em qualquer circunstância.

A mente do homem é como um depósito de idolatria e superstição, de modo que, se o homem confiar em sua própria mente, é certo que ele abandonará a Deus e inventará um ídolo, segundo sua própria razão.

João Calvino

RESUMO

Este trabalho, busca mostrar ao leitor a presença marcante do pecado da idolatria no coração humano, a partir dos registros bíblicos. Além do mais, descreve como esse pecado foi tomando novas formas de atuação com o passar do tempo e o seu efeito destruidor no indivíduo e até nas nações que se renderam a prática idólatra. Os exemplos citados no Antigo e no Novo Testamento, formam a base para a compreensão do comportamento idólatra contemporâneo. Para isso, as contribuições teológicas de pensadores como Moshe Halbertal e Avishai Margalit, G. K. Beale, Timothy Keller, João Calvino e Norma Cristina Braga Venâncio foram fundamentais para ampliar a compreensão e apontar outros referenciais que foram usados para a elaboração desta obra. A última parte do trabalho, aborda de forma concisa as diferentes sugestões dos principais teóricos, que colaboraram substancialmente com esta pesquisa, para substituir a adoração aos falsos deuses pela adoração àquele de nome inefável, YHWH.

Palavras-chaves: Idolatria. Ídolos. Adoração. Falsos deuses.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	1
2	IDOLATRIA NO ANTIGO TESTAMENTO	4
2.1	COMPREENSÃO SOBRE IDOLATRIA REVELADA NA LEI	4
2.2	IDOLATRIA NAS NARRATIVAS	6
2.3	IDOLATRIA NOS TEXTOS POÉTICOS.....	10
2.4	COMBATE À IDOLATRIA NOS PROFETAS	10
3	IDOLATRIA NO NOVO TESTAMENTO	13
3.1	IDOLATRIA NOS EVANGELHOS SINÓTICOS	13
3.2	IDOLATRIA EM ATOS DOS APÓSTOLOS	15
3.3	TEOLOGIA PAULINA SOBRE IDOLATRIA	17
3.4	IDOLATRIA EM APOCALIPSE	21
4	IDOLATRIA NO CONTEMPORÂNEO	24
4.1	ANÁLISE SOBRE IDOLATRIA MODERNA.....	24
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34

1 INTRODUÇÃO

“Há mais ídolos do que realidades no mundo”

Friedrich Nietzsche¹

“Não se voltem para os ídolos, nem façam para si deuses de metal. Eu sou o SENHOR, o Deus de vocês”

Levítico 19,4

Para todo aquele que tem um mínimo de noção de pecado e aceita a ideia de pecado como um ato que desagrade a Deus, a pergunta crucial é: por que pecamos e até mesmo reincidimos em pecados terríveis? A compreensão popular sobre pecado, a grosso modo, parte dos princípios estabelecidos pela Lei da tradição judaico-cristã, horar pai e mãe, não matar, não cometer adultério, não roubar, não acusar falsamente e não cobiçar (popularmente também é entendido como “invejar”). Estas, são ordenanças relacionadas à moral e ética humana, tem a ver com as diversas relações estabelecidas entre indivíduos. A não violação de nenhum desses mandamentos, dá ao sujeito uma sensação de superioridade em relação aos contraventores.

Mas, como mensurar o comportamento do indivíduo em relação aos primeiros mandamentos que estão relacionados a pessoa de Deus? Especialmente um: “Não terás outros deuses além de mim”². A resposta parece simples e o problema fácil de resolver: “não tenho na minha casa nem carregando comigo nenhum objeto de veneração como medalhinhas, imagens de santos ou de qualquer outra coisa no céu, na terra ou nas águas debaixo da terra”. O cumprimento deste mandamento mais os mandamentos seguintes, faria do indivíduo o humano perfeito em todos os aspectos. Porém, não é o que a Bíblia diz acerca do ser humano. O apóstolo Paulo afirma “todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus”³.

¹ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Crepúsculo dos ídolos, ou Como se filosofa com o martelo. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017, p. 7.

² Dt 5,7.

³ Rm 3,23.

Por toda Bíblia, frequentemente, é possível observar que Deus é implacável ao condenar a idolatria cometida pelo povo escolhido. No entanto, são igualmente frequentes as vezes em que o Israel de Deus se deixa levar por este pecado abominável. O Deus criador e provedor de todas as coisas, era recorrentemente trocado por outra coisa, eleita pelo povo, que recebia status divino. Eram deuses criados a partir de seus anseios e inclinações, sendo assim, a violação da Lei era notória e a injustiça prevalecente.

A proposta deste trabalho, de modo geral, é tentar dar uma resposta que explique este impulso avassalador do pecado em nossas vidas. O que cultivamos em nosso coração pode ser o fator motivador para agir pecaminosamente e é sobre este fundamento que está erigido o ídolo.

Para isto, faremos abordagem bíblica panorâmica onde o problema da idolatria foi apresentado de forma mais significativa e faremos uso do pensamento de autores que se debruçaram sobre o tema a fim de lançar mais luz sobre este complexo assunto.

Todos os textos bíblicos citados, foram extraídos da Nova Versão Internacional (NVI) que, ao nosso ver, apresenta expressões que melhor se aproximam do original e, ao mesmo tempo, é de fácil compreensão para o leitor contemporâneo.

No primeiro capítulo, trataremos da idolatria no Antigo Testamento. Tentaremos mostrar a compreensão sobre idolatria revelada na Lei, nas narrativas bíblicas, nos textos poéticos, sendo este bloco o menos denso por não conter abordagem expressiva do tema, e o combate à idolatria nos textos proféticos.

O capítulo dois, dando sequência a organização canônica, aborda o problema a luz do Novo Testamento. Idolatria nos Evangelhos Sinóticos, idolatria em Atos dos Apóstolos, o que dizem as reflexões teológicas sobre idolatria nos escritos de Paulo e, avançaremos para verificar o que diz o livro de Apocalipse sobre idolatria.

Ao nosso ver, os textos bíblicos apresentados são o fio condutor para compreender o pecado da idolatria em nosso tempo. Diferentemente, das ocorrências do pecado da idolatria no contexto bíblico, as práticas idólatras contemporâneas são cada vez mais difíceis de detectar. Posturas antes consideradas pecados, agora, podem ser entendidas como virtudes, por exemplo, a avareza (ganância) hoje pode ser confundida com responsabilidade financeira, a luxúria com diversão legítima, a

vaidade com cuidado físico. Porém, o princípio bíblico permanece o mesmo, qualquer coisa que tome seu coração, em outras palavras, aquilo que dá sentido a sua vida que não seja Deus na pessoa de Cristo, este é o seu ídolo.

Por fim, apresentaremos as sugestões de alguns teóricos que nos ajudam a identificar e vencer a idolatria em nosso coração, são eles: Moshe Halbertal e Avishai Margalit, Brian S. Rosner, Timothy J. Keller e Norma Cristina Braga Venâncio.

2 IDOLATRIA NO ANTIGO TESTAMENTO

Nosso intento nesta primeira parte do trabalho é mostrar que o pecado da idolatria se faz notória em quase todo Antigo Testamento. Audaciosamente, porém sem o devido aprofundamento neste assunto tão vasto, buscamos apresentar como esse pecado se manifestou dentro do povo de Deus e a assombrosa insistência deste em cultivar um pecado absolutamente repugnante para o Eterno no contexto antigo registrados nos textos da Lei, nas narrativas bíblicas e nos escritos proféticos.

2.1 COMPREENSÃO SOBRE IDOLATRIA REVELADA NA LEI

Segundo Paul Hoff, a expressão “A Lei” ou “A Lei de Moisés” é a forma como os judeus se referiam ao Pentateuco, os cinco primeiros volumes da Bíblia. Pentateuco é um nome de origem grega do século III antes de Cristo designado especificamente para indicar os livros de Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. (HOFF, 1995). Quanto a autoria, Hoff defende que tenha sido escrito por Moisés por causa das evidências internas contidas no Antigo Testamento que apontam para o irmão de Arão⁴. Outra razão pela qual Hoff afirma ter sido Moisés o autor do Pentateuco é devido a capacidade intelectual dele. Moisés, como afirma o texto de Atos 7,22, “foi educado em toda a sabedoria dos egípcios e veio a ser poderoso em palavras e obras”. Além do mais, Moisés foi testemunha ocular dos acontecimentos do Êxodo e das obras de Deus na peregrinação pelo deserto durante 40 anos. (HOFF, 1995)⁵.

Um dos temas centrais da Bíblia Sagrada quando se trata da relação de Deus com o ser humano é a idolatria. Este é, indiscutivelmente, um dos assuntos mais relevantes e complexos de toda a Escritura. Essa relação do divino com a humanidade se dá de forma acentuadamente pessoal, isso pode ser observado no primeiro mandamento da Lei: “Não terás outros deuses diante de mim” (Ex 20,3). O imperativo mostra que Deus exige para si toda a devoção de seu povo porque é ele quem provê toda a sorte de bênçãos desde alimento, proteção e perspectivas de futuro. Por ser Deus quem é, a orientação é que o povo não tente representá-lo de forma artística ou busque auxílio em qualquer outro ídolo como está registrado em Lv 19,4: “Não se

⁴ Ex 17,14; Dt 31,24-26; Js 1,7-8; 23,6; 1Rs 2,3; 2Rs 14,6; Ed 3,2; 6,18; Ne 8,1; Dn 9,11-13.

⁵ A ausência de indicação da página é devido ao e-book não estar paginado.

voltem para os ídolos, nem façam para si deuses de metal. Eu sou o SENHOR, o Deus de vocês”.

Também é sabido que Deus criou o homem com a capacidade de tomar decisões, de agir livremente, como por exemplo, quando Moisés propôs ao povo dois caminhos: “a vida e a morte, a bênção e a maldição” (Dt 30,19) e os aconselhou. São muitos os relatos bíblicos que mostram que diversas vezes o povo optou pela adoração a deuses pagãos a adoração ao Deus de Israel. Sendo isso a máxima expressão de infidelidade para com Deus, o castigo divino era extremamente severo. Em Ex 22,20 está a seguinte advertência: “Quem oferecer sacrifício a qualquer outro deus, e não unicamente ao SENHOR, será destruído”. A gravidade deste pecado poderia levar até mesmo pessoas amadas que induziam a realização de práticas idólatras a pena de morte, como está em Dt 13,6-11:

Se o seu próprio irmão ou filho ou filha, ou a mulher que você ama ou o seu amigo mais chegado secretamente instiga-lo dizendo: “Vamos adorar outros deuses!” – deuses que nem você nem os seus antepassados conheceram, deuses dos povos que vivem ao redor, quer próximos, quer distantes, de um ao outro lado da terra – não se deixe convencer nem ouça o que ele diz. Não tenha piedade nem compaixão dele e não proteja. Você terá que matá-lo. Seja a sua mão a primeira a levantar-se para mata-lo, e depois as mãos de todo o povo. Apedreje-o até a morte, porque tentou desviá-lo do Senhor, o seu Deus, que o tirou do Egito, da terra da escravidão. Então todo o Israel saberá disso; todos temerão e ninguém tornará a cometer uma maldade dessas.

Para além da postura submissa a objetos inanimados, o australiano Mark Johnston, professor de filosofia na Universidade de Princeton e autor do livro *Saving God: religion after idolatry*⁶, nos diz que o primeiro mandamento de Deus sugere que uma pessoa pode cair na idolatria sem necessariamente adorar imagens manufaturadas, como por exemplo, os adoradores do sol e da lua (JOHNSTON, 2009, p. 20). Porque, para Johnston, nessa primeira sentença, Deus se coloca como o Altíssimo, fazendo da adoração a qualquer outra coisa, mesmo a coisas não produzidas por mãos humanas como o sol e a lua, idolatria. Por essa razão, o autor afirma que o primeiro mandamento serve para explicar o segundo mandamento⁷, não

⁶ Tradução nossa: Salvando Deus: religião indo atrás de idolatria.

⁷ “Não farás para ti nenhum ídolo, nenhuma imagem de qualquer coisa no céu, na terra, ou nas águas debaixo da terra” (Ex 20,4).

simplesmente porque uma imagem esculpida seria a forma mais provável de envolvimento dos israelitas com deuses pagãos. (JOHNSTON, 2009, p. 22).

Ainda nesse contexto, Moshe Halbertal e Avishai Margalit, professores e filósofos israelenses da Universidade Hebraica de Jerusalém, em seu livro *Idolatry*⁸, também defendem a tese de que a idolatria é mais do que um mero ato de genuflexão diante de um objeto inanimado, acima de tudo tem a ver com princípios morais, a saber, um caráter reprovável.

Halbertal e Margalit (1992, p. 1)⁹ afirmam:

De acordo com o conceito antropomórfico de Deus, que é característico da fé bíblica, idolatria é um pecado que está dentro de um sistema de relacionamentos interpessoais, um pecado análogo àqueles que as pessoas cometem em relação a outras pessoas, tais como traição e deslealdade.

Embora o povo de Israel tenha sido fortemente advertido a não adotarem nenhuma prática religiosa das culturas estrangeiras ao seu redor, de acordo com o texto de Dt 12:4,31, quando o mandamento que proibia a adoração espúria foi dado, as oportunidades de violação a este já eram amplas e diversas, especialmente a partir da oferta das tribos cananeias, seus vizinhos mais próximos.

2.2 IDOLATRIA NAS NARRATIVAS

O estilo literário narrativo é a contação de histórias de acontecimentos significativos do passado. Um texto narrativo é constituído basicamente de três partes: personagem, enredo e desfecho. As narrativas bíblicas não são diferentes, o objetivo e a estrutura são os mesmos que qualquer outra narrativa. Contudo, uma característica singular distingue as narrativas bíblicas das demais, elas são inspiradas pelo Espírito Santo, ou seja, é a história do próprio Deus, afirmam Gordon D. Fee e Douglas Stuart (FEE e STUART, 2011, p. 110)¹⁰.

⁸ Tradução nossa: Idolatria.

⁹ Texto original: "According to the anthropomorphic concept of God, which is characteristic of biblical faith, idolatry is a sin within a system of interpersonal relationships, a sin analogous to those people commit with respect to other people, such as betrayal and disloyalty" (tradução nossa).

¹⁰ FEE, Gordon D., STUART, Douglas. Entendes o que lês?: um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica. São Paulo: Vida Nova, 2011.

Com essa perspectiva sobre narrativas bíblicas em mente, um marco na história do povo de Israel está registrado no livro do Êxodo que mostra como Deus liberta os hebreus dos 400 anos de escravidão no Egito. A expectativa seguinte era tomar posse da terra prometida, contudo, os consequentes casos de resistência por uma parte dos libertados, desconfiança em relação a Deus, chegando ao ponto de desejarem voltar para o Egito, fizeram com que a peregrinação pelo deserto rumo a terra de Canaã durasse 40 anos (Ex 16,35). Não bastasse a postura de constante murmuração do povo, o que já demonstrava certa incredulidade em relação a Javé, o auge dessa postura é materializado no formato de um bezerro (Ex 32).

O texto de Ex 24,18 afirma que Moisés esteve no monte Sinai por quarenta dias e quarenta noites. A partir disso, podemos inferir que os hábitos idólatras que o povo absorveu da cultura egípcia estava profundamente enraizado no povo, porque alguns dias sem ouvir a voz do profeta foram suficientes para voltarem a idolatria mesmo depois de seus olhos testemunharem os sinais que os libertaram da escravidão do Egito e a miraculosa travessia do Mar Vermelho¹¹.

Os textos de Juízes 2,1 – 3,6 testificam a cerca disso. Logo após a morte de Josué, os israelitas voltam novamente a cultuar e servir a deuses estranho. Desta vez, YHWH é trocado pelo filho de Dagon, Baal, e às Astarotes¹², é o que aponta Karina Santos de Oliveira em sua pesquisa sobre Estudos Judaicos e Árabes (OLIVEIRA, 2015, p. 34-35).

Apesar da asseveração de Deus contra a idolatria, esse episódio não seria a última ocorrência de adoração a deuses pagãos, mas, sim, o início de sucessivos casos em que até mesmo muitos reis (registros em 1 e 2 Reis)¹³ abandonaram a adoração a Javé adotando práticas estranhas e falsos deuses criados a partir de anseios humanos.

Após a conquista da terra prometida, Israel não consegue destruir os povos pagãos desobedecendo a estrita ordem de Deus¹⁴, em vez disso, aderem à cultura

¹¹ Êxodo 14, 5-31.

¹² Vem de Asherah (do hebraico), Astarte (do grego), divindade feminina dos fenícios, deusa do amor e da fecundidade.

¹³ Alguns exemplos: Salomão - 1Rs 11,4-8; Acabe - 1Rs 16,30-33; Roboão - 1Rs 14, 21-23; Acáz - 2Rs 16,1-4; Manassés - 2Rs 21,1-6. O registro diz que Acáz e Manassés chegaram ao ponto de queimar os próprios filhos em sacrifício.

¹⁴ Deuterônimo 7, 2-3.

canaanita, tomam de suas filhas para si e entregam as filhas de Israel aos filhos deles¹⁵. Sobre isso, Stephen C Perks escreve (PERKS, 2016, p. 10)¹⁶:

Embora os filhos de Israel tenham se voltado para o culto dos deuses canaanitas não muito tempo depois da conquista da terra no tempo dos Juízes, o problema com o qual nos deparamos nos livros de 1 e 2 Reis aparentemente teve origem na apostasia de Salomão (1Rs 11,1ss), que ‘seguiu a Astarote, a deusa dos sidônios, e Milcon, abominação dos amonitas’
“.

A declaração de Perks lança uma compreensão ainda mais aprofundada sobre a decadente situação do povo de Deus. Agora, a atenção é voltada para o sucessor do rei Davi, seu filho Salomão. No texto de 2 Crônicas (1,7) temos registrado o momento de transição do reinado davídico para seu filho e, para legitimar o novo mandato, naquela mesma noite, o próprio Deus apareceu a Salomão e o perguntou o que gostaria de ter¹⁷. Ele pede sabedoria para conduzir bem o povo de Deus. (1 Reis 3,9). Deus atendeu ao seu pedido de tal maneira que ele foi considerado o rei mais sábio da história de Israel, além de toda a prosperidade material, Salomão era riquíssimo em sabedoria e, durante seu reinado, o povo desfrutava de um tempo sem guerras fazendo jus ao seu próprio nome, שלמה (Shlomo) que significa paz¹⁸.

Apesar de todo esplendor e sabedoria reconhecida, Salomão falha em cumprir a ordem do mandamento para não ter outros deuses além do Altíssimo como afirma Perks acima, como sendo o filho de Davi o possível precursor de uma dinastia repleta de idólatras. O professor e escritor australiano, Brian S. Rosner, em seu artigo para a revista teológica Themelios, pontua sobre o exemplo dos reis mencionados em 1 e 2 Reis e afirma que os reis desse período eram avaliados como sendo “bons ou maus puramente por motivos religiosos , isto é, na questão se eles destruíram ou introduziram ídolos”. (ROSNER, 1999, p. 21). Rosner aprofunda ainda mais seu pensamento e afirma que a base teológica para Deus julgar a idolatria é porque Deus tem zelo¹⁹, e para apoiar sua ideia, o autor evoca o texto de Êxodo 34,14: “Nunca

¹⁵ Juízes 3, 5.

¹⁶ Adoração a Baal: Antiga e Moderna. Editora Monergismo, 2016. E-book Kindle.

¹⁷ Também em 1 Reis 3, 5.

¹⁸ No hebraico antigo: שלמה (Shlomo). Disponível em:

<<http://www.chabad.org.br/ciclodavida/nascimento/nmasculinos.html#S>>. Acesso em: 24 de set. de 2021.

¹⁹ No original, o autor do artigo usa a palavra “jealousy” que em português significa “ciúme”. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-ingles/busca/ingles-portugues-moderno/jealousy/>>. Acesso em: 24 de set. de 2021.

adore nenhum outro deus, porque o SENHOR, cujo nome é Zeloso, é de fato Deus zeloso”. (ROSNER, 1999, p. 21, 22). Esse zelo de Deus, por muitas vezes é manifestado através de alguns do seus servos profetas e reis, mas essa característica subjugadora do mau é mais marcante nos reis que fizeram o que era reto perante o Javé, como no caso do rei Manasses quando abandonou as práticas de afronta direta ao SENHOR e inicia um tipo de renovação em seu reino e o rei Josias que ficou fortemente marcado pela reforma deuteronomica que aconteceu durante seu reinado.

Os arqueólogos e historiadores Israel Finkelstein e Neil Asher Silberman, afirmam que a narrativa sobre o rei Josias é o clímax da história de Israel em que o rei embarca em uma campanha para extirpar cada traço de adoração sincrética espalhadas por todo o reino. Os arqueólogos afirmam que, para os autores da História Deuteronomistas, o reinado de Josias foi um momento metafísico marcante não menos importante o que a aliança de Deus com Abraão, a Êxodo do Egito ou a promessa divina para o rei Davi. (FINKELSTEIN e SILBERMAN, 2001, p. 275-276).

Finkelstein e Silberman apontam para um papel messiânico do rei Josias por causa de seus atos de zelo para com a Lei do SENHOR. Afirmam (2001, p. 276)²⁰:

Ele [Josias] e sua força puritana nem pararam nas fronteiras tradicionais do norte do seu reino, mas continuaram norte a dentro para Betel, onde o odiado Jeroboão tinha estabelecido um templo rival ao [templo] de Jerusalém – e onde (como relatado na profecia de 1 Reis 13, 2)²¹ – o herdeiro de Davi chamado Josias queimaria os ossos dos profetas idólatras do norte.

Contudo, nem mesmo todos os esforços e zelo do rei Josias fora suficiente para aplacar o impulso idólatra avassalador das entranhas de Israel e salvar o reino de duas tribos dessa calamidade. Ao ponto de nenhum dos quatro últimos reis de Israel, Jeoacaz, Jeoiaquim, Joaquim e Zedequias, serem capazes de exercerem fidelidade como foi Josias.

²⁰ Texto original: “He and his puritan forces did not even stop at the traditional northern border of his kingdom but continued northward to Bethel, where the hated Jeroboam had established a rival temple to that of Jerusalem – and where (so the prophecy of 1 Kings 13:2 related) a Davidic heir named Josiah would someday burn the bone of the north’s idolatrous priests” (tradução nossa).

²¹ 1 Reis 13, 2: Ele clamou contra o altar, segundo a ordem do SENHOR: “Ó altar, ó altar! Assim diz o SENHOR: ‘Um filho nascerá na família de Davi e se chamará Josias. Sobre você ele sacrificará os sacerdotes dos altares idólatras que agora queimam incenso aqui, e ossos humanos serão queimados sobre você’ ”.

2.3 IDOLATRIA NOS TEXTOS POÉTICOS

Os livros poéticos do Antigo Testamento são caracterizados por terem concisão, paralelismo e imagem. Também é característico da poesia uma “linguagem artificial no sentido de não seguir regras normais de comunicação, é o que dizem Raymond B. Dillard e Tremper Longman III²². São estes, considerados livros poéticos: Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos. O tema da idolatria é pouco abordado no bloco poético. Somente Jó e o livro de Salmos trazem porções significativas sobre o tema.

Em Jó 31.24-28, é o único lugar onde vemos o problema ser abordado. Quando Jó declara sua integridade se porventura ele teria pecado contra o Senhor adorando a sua riqueza, pondo nela sua confiança e, se alguma vez já venerou o sol e a lua como deuses estranhos. Esse tipo de idolatria também é mencionado no Novo Testamento²³.

Já nos Salmos, Oliveira pontua quatro textos em que há menção de idolatria. (1) Salmo 24, a idolatria pode ser identificada em um contexto de adoração no templo em que o adorador não deve se voltar para a mentira nem para a falsidade nem recorrer aos ídolos e nem jurar por deuses falsos (Sl 24,4); (2) Salmo 106, traz a mesma metáfora utilizada pelo profeta Oséias, a prostituição do povo na adoração a outros deuses, para mostrar a infidelidade de Israel; (3) Salmo 115, Oliveira aponta para as características humanas apresentadas no texto para descrever os ídolos, contudo, afirma Oliveira, são “ineficazes, desprezíveis, inoperantes e inertes”; (4) Salmo 135, assim como no Salmo 115, os ídolos aqui são apresentados com características humanas, mas totalmente inanimados.²⁴

2.4 COMBATE À IDOLATRIA NOS PROFETAS

“Assim diz o Senhor”. Talvez essa seja a palavra mais marcantes proferida pela boca dos profetas no Antigo Testamento. Essa é a frase inicial de uma mensagem santíssima mensagem para o ser humano, em especial para o povo de Israel. Os profetas convocados para essa importante tarefa, eram pessoas comuns que

²² Dillard e Longman, 2006, p.23.

²³ Mt 6,24 e Rm 1,23 (trata-se da adoração às coisas criadas em vez de adorar somente o Criador).

²⁴ Oliveira, 2015, p. 58,59.

participavam do cotidiano do povo, conheciam suas particularidades, suas virtudes e falhas. O profeta Amós, por exemplo, era um simples pastor de ovelhas e não era de nenhuma escola de profetas ou de algum grupo organizado de profetas²⁵. Isaías é um bom exemplo: “Então gritei: Ai de mim! Estou perdido! Pois sou um homem de lábios impuros e vivo no meio de um povo de lábios impuros”. (Is 6,5). A missão desses homens era se dirigir aos homens na qualidade de um homem que esteve perante o próprio Deus. O objetivo das constantes advertências era orientar Israel a viver um relacionamento correto com o Criador, conclamando ao arrependimento sincero descrevendo a terrível visão da ira vindoura.

Dentre todos os deslizes do povo, nada aborrecia mais a Javé do que a idolatria²⁶. Para elucidar esse pecado, os profetas usavam o relacionamento de marido e esposa em que Israel é comparado com a esposa e Deus o marido. A referência é explícita em Oseias, Deus ordena que o profeta se case com uma mulher adúltera o que é uma referência do casamento de Javé com o povo de Israel e a representação de um amor incondicional por parte Criador (Os 3,1)²⁷. O casamento implica na afirmação de exclusividade do relacionamento que proíbe a esposa de ter relações sexuais com qualquer outro homem que não o marido. O que isso quer dizer, em outras palavras, Israel está proibido de adorar outros deuses²⁸, afirmam Halbertal e Margalit. (HALBERTAL e MARGALIT, 1992, p. 11). A seriedade dessa proibição culminava em um castigo severo para os idólatras, como igualmente era para aqueles que cometiam adultério como já previsto na Lei (Dt 13, 6-11).

A tarefa incansável de profetas como por exemplo Jeremias, Oséias e Ezequiel, era alertar repetidamente Israel para o altíssimo custo que estavam se propondo a pagar por causa dessa prostituição adúltera com deuses estranhos. Em Jeremias 44, Deus diz que enviou seus profetas diariamente para alertar ao povo que estava em Migdol que não fizessem essa abominação detestável. (v. 4). O texto deixa claro que Deus agiu pacientemente aguardando uma mudança de postura dos israelitas, contudo, segue o texto bíblico, o povo não deu ouvidos nem atenção a

²⁵ Amós 7, 14-15: Amós respondeu a Amazias: “Eu não sou profeta nem pertença a nenhum grupo de profetas, apenas cuido do gado e faço colheita de figos silvestres. Mas o SENHOR me tirou do serviço junto ao rebanho e me disse: ‘Vá, profetize a Israel, o meu povo’.

²⁶ Deuteronômio 27, 15: "Maldito quem esculpir uma imagem ou fizer um ídolo fundido, obra de artesãos, detestável ao Senhor, e levantá-lo secretamente". Todo o povo dirá: "Amém! "

²⁷ Esta alusão também está presente em Jeremias 3,20.

²⁸ Texto original: “Israel is forbidden to worship other gods” (tradução nossa).

Deus²⁹ que falava por meio de seu profeta. Além de serem ignorados e censurados pelo povo, eram alvo de extrema zombaria, ofensas, humilhação pública e ameaças de morte, incessantemente. A situação de Israel era irremediável³⁰.

Apesar da firmeza com que o assunto é tratado nas Escrituras, também identificamos nos textos veterotestamentários um tom irônico, de ridicularização da parte dos profetas como estratégia para o combate à idolatria quando se referiam aos deuses estranhos adotados pelo povo, os principais exemplos, aponta Rosner, incluem as palavras de Elias, a oração de Ezequias e fala de Habacuque³¹. O autor faz o seguinte apontamento: ao mencionar os materiais com que eram produzidos, a natureza perecível dos ídolos, sua origem humana e falta de vida, a adoração a esses deuses levava apenas ao desapontamento e constrangimento desses adoradores. (ROSNER, 1999, p. 22).

O chamado para resistir à pressão pagã e não ceder a idolatria também é claramente visto no contexto de Daniel e seus amigos Hananias, Misael e Azarias³². A primeira vez que os jovens hebreus precisam enfrentar uma adversidade no império babilônico é na imposição da alimentação que, segundo Rosner, era presumivelmente idólatra³³. (1999, p. 22). O segundo desafio é restrito somente aos três amigos de Daniel em que se recusam a adorar a imagem de ouro do rei Nabucodonossor, preferindo a morte a se curvar diante da imagem do rei (Dn 3). Daniel também opta por pagar o preço a orar ao rei e, por esse motivo, é condenado a morte tendo sido jogado na cova dos leões.

A conclusão que Rosner quanto a luta contra esse pecado foi a seguinte (1999, p. 23)³⁴:

A oposição à idolatria foi, com efeito, um exercício de redesenhar os limites do grupo para o povo de Deus, dentro de uma estrutura mais ampla de questões relacionadas com identidade e autodefinição. Ao deixar claro o que defendiam, eles se esforçaram para enfatizar o que eles enfrentavam.

²⁹ Jeremias 44, 5.

³⁰ 2 Crônicas 36, 16: Mas eles zombaram dos mensageiros de Deus, desprezaram as palavras dele e expuseram ao ridículo os seus profetas, até que a ira do SENHOR se levantou contra o seu povo, e já não houve remédio.

³¹ 1 Reis 18, 27; Isaías 37, 17-20; 2 Reis 19, 16-19; Habacuque 2, 18-19.

³² Nomes babilônicos: Sadraque, Mesaque e Abede –Nego.

³³ Daniel 1.

³⁴ Texto original: "Opposition to idolatry was in effect an exercise in redrawing group boundaries for the people of God, set within the wider framework of issues to do with identity and self-definition. In making clear what they stood for, they took pains to underscore what they stood against" (tradução nossa).

3 IDOLATRIA NO NOVO TESTAMENTO

O intento neste capítulo é apresentar as formas de idolatria apresentadas no Novo Testamento e mostrar que este pecado continua a ser abominável para Deus como fora nos contextos do Antigo Testamento.

Todos os pontos apresentados sinalizam apenas a presença do conceito da idolatria, não o aprofundamento e as diversas conexões existentes com os textos veterotestamentários.

A abstenção de pesquisa em Hebreus e nas epístolas gerais é devido à ausência significativa do conceito de idolatria nas circunstâncias de cada uma delas. Não significa que nos devidos contextos não houvesse presença de idolatria, pelo contrário.

3.1 IDOLATRIA NOS EVANGELHOS SINÓTICOS

Os Evangelhos não apresentam uma abordagem do tema como a mesma frequência e intensidade quanto os textos veterotestamentários nem mesmo termos diretamente relacionados. Os registros do primeiro século sobre o povo de Deus parecem apontar para a abolição da prática idólatra de seus antepassados como a fabricação de objetos inanimados a semelhança de pessoas ou animais. O professor de Novo Testamento e Teologia Bíblica no *Reformed Theological Seminary* em Dallas, Gregory K. Beale, levanta o questionamento se o mesmo tipo de adoração a ídolos que maculou o Israel do Antigo Testamento já não é mais um problema para o povo da nova aliança. Ele afirma ser improvável que os judeus do tempo de Jesus não tenham absorvido as práticas idólatras dos antepassados israelitas. Embora no primeiro século eles não se curvassem diante de imagens e os textos não indiquem isso explicitamente, Beale afirma que em essência, os israelitas continuavam igualmente idólatras manifestando esse pecado de uma maneira diferente. (BEALE, 2014, p.162).

Uma das evidências apontadas por Beale encontra-se no discurso de Jesus quando aborda o tema das riquezas no livro de Mateus (6, 24): “Ninguém pode servir a dois senhores; pois odiará a um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e ao dinheiro”. Ao sugerir que a idolatria poderia assumir formas diferentes, diz o autor que essa fala de Jesus é um indício

para confiança no dinheiro e não em Deus. (2014, p. 162). Para lançar mais luz sobre o tema, Beale sustenta que o conceito de idolatria nos Evangelhos tem como fundamento passagens do Antigo Testamento que em seus contextos originais tratam do pecado da idolatria como tema central.

O professor americano aborda mais profundamente o uso do profeta Isaías no Evangelhos, mais precisamente nos sinóticos. Mas, para entender melhor o pensamento do autor, é necessário fazer uma breve abordagem sobre sua exaustiva e densa tese defendida em seu livro chamado “Você se torna aquilo que adora: uma teologia bíblica da idolatria”³⁵. Toda a ideia do professor está baseada no texto de Isaías 6, 9-13, sobre a missão do profeta em ir falar do julgamento aos israelitas idólatras. Para o autor, essa perícopes indica que “o indivíduo se assemelha ao que ele reverencia, quer para sua ruína, quer para sua restauração”. (2014, p. 11). Quando Deus fala ao profeta sobre a falha dos órgãos sensoriais³⁶, está se referindo ao sentidos espirituais, a sensibilidade e discernimentos espirituais e, segundo Beale, isso é para a própria condenação do povo para os que ouviram as palavras de esperança vindas dos profetas e permaneceram exatamente como os ídolos feitos por suas próprias mãos, estáticos e sem vida.

Com essa informação acerca da obra em análise, Beale aborda inicialmente o texto de Mateus 13, 13-15 que também está registrado em Marcos 4, 12; Lucas 8, 10; João 12, 39-40:

Por essa razão eu lhes falo em parábolas: ‘Porque vendo, eles não veem e, ouvindo, não ouvem nem entendem’. Neles se cumpre a profecia de Isaías: ‘Ainda que estejam sempre ouvindo, vocês nunca entenderão; ainda que estejam sempre vendo, jamais perceberão. Pois o coração deste povo se tornou insensível; de má vontade ouviram com os seus ouvidos, e fecharam os seus olhos. Se assim não fosse, poderiam ver com os olhos, ouvir com os ouvidos, entender com o coração e converter-se, e eu os curaria’.

Nesse texto, Jesus proclama contra o Israel de seu tempo o mesmo julgamento que Deus anuncia através do profeta. Jesus cita o texto antigo que tem seu cumprimento ainda no mandato profético de Isaías³⁷ e o chama de “profecia” (que

³⁵ No original: *We Become What We Worship: A Biblical Theology of Idolatry*.

³⁶ Isaías 6, 9-10: Ele disse: “Vá, e diga a este povo: “Estejam sempre ouvindo, mas nunca entendam; estejam sempre vendo, e jamais percebam. Torne insensível o coração desse povo; torne surdos os ouvidos dele e feche os seus olhos. Que eles não vejam com os olhos, não ouçam com os ouvidos, e não entendam com o coração, para que não se convertam e sejam curados”.

³⁷ Isaías 29, 9-14; 63, 17.

estava se cumprindo séculos depois, nos dias de Jesus), afirma o autor. (2014, p. 164). Segundo ele, há motivos mais que suficientes para julgar os judeus do primeiro século como idólatras, porém, com um agravante, rejeitaram e entregaram a morte o Filho Unigênito de Deus. “O Israel do tempo de Jesus estava tão morto espiritualmente quanto o do tempo de Jesus”, diz Beale. O ídolo ao qual o povo de Deus escolhe adorar e servir, desta vez, era a tradição humana em vez de Deus na pessoa do Cristo. (2014, p. 165-166).

O texto bíblico que melhor explica essa ideia do autor é o evento em que Jesus responde à pergunta dos fariseus e escribas quando questionam os hábitos de seus discípulos em comer sem lavar as mãos. Jesus, mais uma vez faz uso do profeta Isaías³⁸ para acusar os judeus idólatras³⁹. Está claro que os estudiosos daquela época eram extremamente rigorosos no cumprimento de suas próprias leis, mas eram tardios em cumprir os mandamentos de Deus, tornando-se assim negligentes com a lei divina.

3.2 IDOLATRIA EM ATOS DOS APÓSTOLOS

A livro de Atos mostra determinadas ocasiões em que o tema da idolatria é abordado. Beale recorre ao que inferiu o Dr. David W. Pao, professor de Novo Testamento na *Trinity Evangelical Divinity School*, que os capítulos 40 – 60 de Isaías influenciam fortemente as diversas narrativas sobre idolatria de Atos dos Apóstolos. Mas, antes de fazer o paralelo de Isaías com o texto de Atos, observemos a ideia lançada por Beale que serve como apoio para a tese de Pao, consiste no afastamento da presença de Deus do templo nos dias de Jesus. Ele afirma que as passagens de Ezequiel 10,18 e 11,21-23, mais especificamente o versículo 23 do capítulo 11 que diz “E a glória do SENHOR se levantou da cidade”, sugere que a gloriosa presença de Deus havia deixado o lugar santíssimo no início do exílio babilônico e não retornou

³⁸ Isaías 29.

³⁹ Marcos 7, 6-13: Ele respondeu: "Bem profetizou Isaías acerca de vocês, hipócritas; como está escrito: 'Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. Em vão me adoram; seus ensinamentos não passam de regras ensinadas por homens'. Vocês negligenciam os mandamentos de Deus e se apegam às tradições dos homens". E disse-lhes: "Vocês estão sempre encontrando uma boa maneira para pôr de lado os mandamentos de Deus, a fim de obedecer às suas tradições! Pois Moisés disse: 'Honra teu pai e tua mãe', e 'quem amaldiçoar seu pai ou sua mãe terá que ser executado'. Mas vocês afirmam que se alguém disser a seu pai ou a sua mãe: 'Qualquer ajuda que vocês poderiam receber de mim é Corbã', isto é, uma oferta dedicada a Deus, vocês o desobrigam de qualquer dever para com seu pai ou sua mãe. Assim vocês anulam a palavra de Deus, por meio da tradição que vocês mesmos transmitiram. E fazem muitas coisas como essa".

mais, mesmo com a construção do segundo templo. O motivo para essa atitude de Deus, diz Beale, foi a infidelidade da nação. (BEALE, 2014, p. 183).

O professor Beale reconhece a insuficiência de evidências para chegar a uma conclusão definitiva quanto a não presença de Deus no templo seguinte, contudo levanta a possibilidade de que pelo menos no primeiro século da era cristã, a presença divina no templo já não era mais uma realidade. Ele toma como indicativo o fato de Jesus e Estêvão⁴⁰ anunciarem julgamento sobre o templo, pois este já havia sido profanado por causa dos cambistas ao seu redor que usaram da fé do povo para fazer um meio de ganhar dinheiro. Além do mais, aponta Beale, Jesus começa a assumir o papel de templo, reforçando a tese de que presença de Deus não se restringia mais as dependências do templo (João 2, 19-22). (BEALE, 2014, p. 184, 185):

Jesus lhes respondeu: “Destruam este templo, e eu o levantarei em três dias”. Os judeus responderam: “Este templo levou quarenta e seis anos para ser edificado, e o senhor vai levantá-lo em três dias? “. Mas o templo do qual ele falava era seu corpo. Depois que ressuscitou dos mortos, os seus discípulos lembraram-se do que ele tinha dito. Então creram na Escritura e na palavra que Jesus dissera.

No contexto do texto de João, por causa do que Jesus falou acerca do templo, ele é acusado blasfêmia e se torna réu de morte⁴¹. Da mesma forma, Estêvão também é condenado à morte, aparentemente pelo mesmo motivo que Jesus, é o que Lucas deixa entender em seu registro⁴². Para o Dr. Beale, continuar a crer que Deus ainda habitava um templo construído por mãos humanas era sinal de idolatria, afirma:

Os judeus continuam acreditando que a presença reveladora de Deus estava no templo físico dele, e não em Cristo, era idolatria – o mesmo que acreditar que a presença singular de Deus estivesse em algum ídolo de madeira ou numa árvore antiga. Isso era confiar em algo que não é Deus. Era idolatria.

⁴⁰ Atos 6, 11-15; 7, 48-50.

⁴¹ Mateus 26, 57, 59-61: Os que prenderam Jesus o levaram a Caifás, o sumo sacerdote, em cuja casa se haviam reunido os mestres da lei e os líderes religiosos... Os chefes dos sacerdotes e todo o Sinédrio estavam procurando um depoimento falso contra Jesus, para que pudessem condená-lo à morte. Mas nada encontraram, embora se apresentassem muitas falsas testemunhas. Finalmente se apresentaram duas que declararam: “Este homem disse: ‘Sou capaz de destruir o santuário de Deus e reconstruí-lo em três dias’”.

⁴² Com isso agitaram o povo, os líderes religiosos e os mestres da lei. E, prendendo Estêvão, levaram-no ao Sinédrio. Ali apresentaram falsas testemunhas, que diziam: “Este homem não para de falar contra este lugar santo e contra a Lei. Pois o ouvimos dizer que esse Jesus, o Nazareno, destruirá este lugar e mudará os costumes que Moisés nos deixou”.

Na pregação de Paulo em Atenas, a mesma afirmação de Jesus e Estêvão é usada pelo apóstolo, “O Deus que fez o mundo e tudo o que nele há é o Senhor dos céus e da terra e não habita em santuários feitos por mãos humanas”. (At 17,24). Mais uma vez, Beale recorre ao pensamento de Pao que identificou nessa passagem de Atos 17 antecedentes de Isaías 40 – 55 onde o profeta contrasta a soberania de Javé sobre os ídolos e as nações que neles confiam⁴³. Paulo faz a mesma coisa ao comparar a grandiosidade de Deus com divindades esculpidas por mãos humanas.

Na parte final do livro de Atos dos Apóstolos, temos uma menção direta do texto de Isaías 6.9,10 por Paulo em resposta aos que não creram na sua pregação. Quanto a incredulidade desse grupo, Paulo declara um cumprimento de profecia:

Discordaram entre si mesmos e começaram a ir embora, depois de Paulo ter feito esta declaração final: “Bem que o Espírito Santo falou aos seus antepassados, por meio do profeta Isaías: “Vá a este povo e diga: Ainda que estejam sempre ouvindo, vocês nunca entenderão; ainda que estejam sempre vendo, jamais perceberão. Pois o coração deste povo se tornou insensível; de má vontade ouviram com os ouvidos e fecharam os olhos. Se assim não fosse, poderiam ver com os olhos, ouvir com os ouvidos, entender com o coração converter-se, e eu os curaria”. “Portanto, quero que saibam que esta salvação de Deus é enviada aos gentios; eles a ouvirão”⁴⁴.

Beale reconhece que nesse texto, bem como no capítulo 28 inteiro de Atos, não está explícita uma acusação direta contra idolatria, mas, devido ao contexto original de Isaías em que o problema com que o profeta estava lidando era idolatria, o autor entende que isso também pode estar implícito no discurso de Paulo e acha prudente não avançar mais tão profundamente. Diferentemente de Beale, Pao parece sustentar melhor a ligação de Isaías 6 com Atos 28 que seria a continuação de acusação contra a idolatria de Israel e rejeição da obra profética mediante o Cristo, a saber, a salvação de gentios.

3.3 TEOLOGIA PAULINA SOBRE IDOLATRIA

As cartas paulinas estão repletas de conselhos para a vida dos seguidores de Jesus, para a resolução de problemas nas comunidades e, claro, são notoriamente uma exposição do evangelho e da pessoa de Cristo. Através dessas cartas, Paulo

⁴³ Beale, 2014, p. 196, 197.

⁴⁴ Atos 28, 25-28.

tinha mais uma oportunidade de testemunhar da obra do Reino de Deus. Sem dúvidas, as cartas do apóstolo moldaram a doutrina cristã ao longo da história. Carson, Moo e Morris, afirmam que “não há dúvida que Paulo desempenhou um papel vital no crescimento e estabelecimento da igreja e na interpretação e aplicação da graça de Deus em Cristo Jesus”⁴⁵. As cartas paulinas também abordam o tema da idolatria.

No primeiro capítulo da carta aos Romanos (v. 20-25), Paulo faz a menção mais direta e mais longa sobre idolatria de todo o Novo Testamento. Os versículos da sequência (26-32) não citados aqui, falam do efeito colateral da idolatria. Diz assim os versículos 20-25:

Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua natureza divina, têm sido vistos claramente, sendo compreendidos por meio das coisas criadas, de forma que tais homens são indesculpáveis; porque, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe renderam graças, mas os seus pensamentos tornaram-se fúteis e o coração insensato deles obscureceu-se. Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos e trocaram a glória do Deus imortal por imagens feitas segundo a semelhança do homem mortal, bem como de pássaros, quadrúpedes e répteis. Por isso Deus os entregou à impureza sexual, segundo os desejos pecaminosos do seu coração, para a degradação do seu corpo entre si. Trocaram a verdade de Deus pela mentira, e adoraram e serviram a coisas e seres criados, em lugar do Criador, que é bendito para sempre. Amém.

Para Beale, o pensamento de Paulo em relação a idolatria é de que ela é a raiz de todos os outros pecados⁴⁶. O motivo explícito do texto para essa afirmação de Beale, é a substituição da glória do Deus incorruptível por imagens, a troca da verdade de Deus pela mentira, passando a adorar e servir a criatura em vez do Criador. O resultado dessa inversão da adoração é uma anomalia em outros relacionamentos, afirma o autor, homossexualidade, lesbianismo, desobediência aos pais e “toda sorte de relações anômalas com o outro”, é o equivalente ao “castigo da *lex talionis*⁴⁷ (‘a pena deve equivaler ao crime’) ” por não honrarem a Deus, desonram seus corpos entre si e, a punição por não aceitarem o conhecimento de Deus, serem entregues a uma disposição mental reprovável por Deus. (2014, p. 202, 203).

⁴⁵ CARSON, D. A; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997. p. 241.

⁴⁶ Beale, 2014, p. 202.

⁴⁷ Lei de talião.

No versículo 21b, segundo o Beale, há uma alusão a um texto do profeta Jeremias (cap. 2, v. 5)⁴⁸ que estrutura semelhante e mostra a retribuição de Deus ao pecado do povo:

Jeremias 2, 5	Romanos 1, 21b
Que falta os seus antepassados encontraram em mim, para que me deixassem e se afastassem de mim? Eles <u>seguiram ídolos sem valor, tornando-se eles próprios sem valor.</u>	...nem lhe renderam graças, mas os seus pensamentos <u>tornaram-se fúteis e o coração insensato deles obscureceu-se.</u>

Outro ponto extremamente relevante sobre a compreensão de Paulo sobre idolatria está registrado em 1 Coríntios 10,14 – 22:

Por isso, meus amados irmãos, fujam da idolatria. Estou falando a pessoas sensatas; julguem vocês mesmo o que estou dizendo. Não é verdade que o cálice da bênção que abençoamos é a participação no sangue de Cristo e que o pão que partimos é a participação no corpo de Cristo? Como há somente um pão, nós, que somos muitos, somos um só corpo, pois todos participamos de um único pão. Considerem o povo de Israel: os que comem dos sacrifícios não participam do altar? Portanto, que estou querendo dizer? Será que o sacrifício oferecido a um ídolo é alguma coisa? Ou o ídolo é alguma coisa? Não! Quero dizer que o que os pagãos sacrificam é oferecido aos demônios e não a Deus, e não quero que vocês tenham comunhão com os demônios. Vocês não podem beber do cálice do Senhor e do cálice dos demônios; não podem participar da mesa do Senhor e da mesa dos demônios. Porventura provocaremos o ciúme do Senhor? Somos mais fortes do que ele?

Se no texto de Romanos, Paulo afirma que o idólatra receberá como paga de sua devoção a algum ídolo, uma disposição mental semelhante àqueles que desagradam a Deus por não o reconhecerem como seu Deus, no texto de 1 Coríntios Paulo fala que o sacrifício a ídolos os tornará coparticipantes, portanto ontologicamente⁴⁹ semelhantes aos demônios.

Beale enxerga nos versículos 7-22 do capítulo 10 o que ele chama de “antecedentes veterotestamentários do bezerro de ouro”⁵⁰. São alusões aos textos do Pentateuco. Segundo o autor, Paulo entende que sacrificar a um ídolo é sacrificar aos

⁴⁸ Beale, 2014, figura 7.3, p. 208.

⁴⁹ Ontologia: “Teoria ou ramo da filosofia cujo objeto é o estudo dos seres em geral, o estudo das propriedades mais gerais e comum a todos os seres; metafísica ontológica.”. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ontologia/>> Acesso em: 05.10.2021 às 9:27.

⁵⁰ Beale, 2014, p. 223.

demônios que, segundo Paulo, é o que de fato está por trás de um ídolo e tanto pagãos quanto cristãos, podem cometer esse pecado. Portanto, o comparativo que Paulo faz tem como cerne a comunhão (“participação” no texto bíblico) com Deus e a comunhão com os demônios, infere Beale. Os textos de Deuteronômio dão base para o autor identificar esses elementos do Antigo Testamento na fala de Paulo⁵¹:

Deuteronômio 32, 17^a (LXX)	1Coríntios 10, 20
Eles [Israel, incluindo-se a primeira geração] sacrificaram a demônios e não a Deus	...o que os pagãos sacrificam é oferecido aos demônios.

Outro paralelo identificado por Beale no versículo 22a de 1Coríntios 10 com Deuteronômio 32⁵²:

Deuteronômio 32, 16, 21	1Coríntios 10, 22a
Eles o deixaram com ciúmes por causa dos deuses estrangeiros, e o provocaram com os seus ídolos abomináveis (v. 16). Provocaram-me os ciúmes com aquilo que nem deus é e irritaram-me com seus ídolos inúteis (v. 21).	Porventura provocaremos o ciúme do Senhor? Somos mais fortes do que ele?

Estar envolvido com outro tipo de divindade é partilhar da mesma mesa, do mesmo cálice, do mesmo pão, em outras palavras, da mesma condição de criaturas detestáveis ao Senhor, a saber, demônios. Porque a ceia instituída por Jesus agrega ainda mais valor a comunhão de mesa como dizem Teixeira e Silva (2013)⁵³:

A refeição de Jesus com os Doze, portanto, não como princípio fundamental a pureza ritual que separa as pessoas, mas busca assegurar o lugar essencial da união entre os membros do grupo. Assim, como para os orientais cada comunhão de mesa era um dom de paz, essa comunhão de mesa com Jesus é ainda maior, por se tratar de uma comunhão na convivência, acolhendo pecadores e desprezados; isto quer expressar a oferta de salvação e de perdão... Sua prática vai sendo uma antecipação dessa promessa na medida em que as suas refeições tornam-se gestos que sistematizam o dom de Deus por meio da comunhão, solidariedade e justiça, principalmente com aqueles, os pobres e marginalizados, que eram sinais da

⁵¹ Ibidem, figura 7.6, p. 224;

⁵² Ibidem, figura 7.7, p. 224.

⁵³ TEIXEIRA, César; SILVA, Antonio Wardison C. A cultura da mesa de refeição e o seu aspecto teológico religioso. Revista Eletrônica Espaço Teológico, v. 7, n. 11, jan/jun, 2013, p. 02-11. Disponível em: <revistas.pucsp.br> Acesso em: 5 de out. 2021

contradição de um sistema baseado em práticas exteriores, onde a refeição tornava-se um mecanismo de divisão.

Para James D. G. Dunn, a ação demoníaca por trás dos ídolos é uma realidade existencial muito real que pode ser nociva e escravizante, sendo capaz, inclusive, de prejudicar a percepção da realidade de Deus que é suprema. Por essa razão que Paulo trata deste problema de forma tão enérgica.⁵⁴

3.4 IDOLATRIA EM APOCALIPSE

A interpretação do livro do Apocalipse, de forma geral, não pode ser realizada sem considerar todos os outros livros da Bíblia, incluindo o Antigo Testamento. Fazer isso é desconectar um texto que faz parte da revelação divina e colocá-lo na categoria de livro popularmente visto como livro de mistérios, futurístico e que causa medo. Tampouco é conhecido por abordar o tema da idolatria.

Vimos até aqui que este pecado não fora extirpado do meio do povo de Deus, ao contrário, o coração de Israel continua inclinado a deixar Deus de lado para se dedicar e servir àquilo que lhe apraz. Haja visto que abordamos a ideia de que a idolatria é a base sobre a qual todos os outros pecados são erigidos, uma advertência que ecoa do Antigo Testamento⁵⁵ e dos Evangelhos Sinóticos no livro da revelação é: “quem tem ouvidos para ouvir, ouça”⁵⁶. Essa advertência aparece oito vezes em todo o livro, não por acaso, mas para indicar a triste situação em que se encontrava a igreja como um todo. Primeiro, porque as igrejas consideradas boas eram poucas, somente duas, essas, eram incentivadas a perseverar em seu testemunho fiel e as outras cinco igrejas eram exortadas a fortalecer o testemunho de Cristo em meio a uma cultura pagã.

No primeiro século, as ameaças do império romano contra os cristãos, incluindo João, se intensificaram a medida em que a pessoa do imperador tinha sua imagem sacralizada, tornando-se, por assim dizer, um tipo de rival do Cristo, já ressurreto a essa altura. O experiente e prestigiado professor de Novo Testamento,

⁵⁴ Dunn, 2003, p. 66,67.

⁵⁵ A função dos profetas como Isaías, Jeremias e Ezequiel era alertar o povo de seus pecados, sua situação decadente quanto a idolatria e do juízo divino por causa da insistência em trocar Javé por outra divindade. O povo havia morrido espiritualmente.

⁵⁶ Mat. 11, 15; 13, 9, 43; Mc. 4, 9, 23; 7, 16; Lc. 8, 8; 14, 35.

M. Eugene Boring, nos informa que a ideia de um rei como divindade não é nativamente romana, na verdade, afirma o professor, era algo estranho no ocidente e gradualmente foi ganhando espaço durante o período do Novo Testamento. Por séculos, esse era um pensamento comum no oriente antigo como por exemplo no Egito, o Faraó era considerado divino por natureza. Na Babilônia, o governante era considerado divino em virtude de ser filho de divindade. Já Israel, teve seu primeiro contato com essa ideia em Canaã, mas não estava disposto a aceita-la. Os reis de Israel eram apenas adotados como filhos de Deus e não considerados divinos, aponta Boring. (BORING, 2011, p. 19).

Sobre isso, Boring escreve (2011, p. 21)⁵⁷:

Nos tempos de João, recusar-se a conceder honras divinas a Domiciano, poderia ser considerado um ato de deslealdade política ou traição e até mesmo um ato de ingratidão. (...) A adoração ao Imperador era o movimento fundamental entre o povo e não apenas porque os era imposto... [por causa disso] Não somente o governo, mas a população como um todo não conseguia entender a hesitação dos cristãos [quanto a adoração ao Imperador].

A fidelidade a Deus no primeiro século implicava em um alto preço a ser pago por todo aquele que se recusava adorar César como um deus. A visão revelada a João é semelhante ao contexto em que viviam os crentes primitivos. Nela, não curvar-se perante a besta⁵⁸ em adoração resultaria em sofrimento agudo e até morte. Não eram poucos os que optavam pela perseguição a submeter-se à besta. George Ladd, professor de Novo Testamento e Exegese do Seminário Teológico de Fuller, afirma que a submissão à besta é o equivalente a adoração a Satanás. Ladd, afirma ainda que o objetivo dessa besta não é o de exercer um poder político, mas de “conquistar a lealdade das pessoas e desviá-las da adoração a Deus. (LADD, 1986, p. 133)

O capítulo 13 de Apocalipse é fortemente marcado pela temática da idolatria. Ladd, chama a atenção para o seguinte detalhe, a perícopes fala de duas bestas, uma que emerge do mar e outra que emerge da terra. A besta que surge da

⁵⁷ Texto original: “In John’s time, to refuse to accord divine honors to Domitian could be considered an act of political disloyalty or even treason... Emperor worship was a grass roots movement among the people, not only imposed from the top down... Not only the government, the population as a whole, was unable to understand the Christians’ hesitation”. (tradução nossa).

⁵⁸ “Adoraram o dragão, que tinha dado autoridade à besta, e também adoraram a besta, dizendo: ‘Quem é como a besta? Quem pode guerrear contra ela?’ “. (Ap 13,4)

terra tem como objetivo fazer com que as pessoas adorem a besta que emerge do mar. Para o professor, essa é estrutura fundamental para a formação de uma “religião organizada” assim como era no processo de divinização imperial em que incentivava a adoração ao Imperador de Roma. (1986, p. 136). Acerca desses adoradores da besta, portanto idólatras, Beale observa que são aqueles chamados de “os habitantes da terra” (v. 8,14 e 12 [“a terra e seus habitantes”]), o que para ele é uma referência aos que não pertencem a Cristo. São aqueles que cederam a tentação de adorar a besta. Acerca desse grupo, Beale entende que elas não foram “capazes de procurar segurança além desta terra, o que significa que confiam em algum ente criado em lugar do Criador para terem o máximo de bem-estar”. (BEALE, 2014, p. 252).

A identificação dos idólatras na visão de João é por meio de uma “marca na mão direita ou na testa” (Ap 13,16). Já os crentes fieis, receberam na testa o nome Cristo e o de Deus. Mais uma vez, a tese do Dr. Beale deve ser levada em consideração: “O indivíduo se assemelha ao que reverencia, quer para a sua ruína, quer para sua restauração”. A adoração e submissão (que Beale entende como identificação) a besta trouxe para “os habitantes da terra” um tipo de benefício transitório, tinham segurança e não sofreram sanção econômica, porém, a morte eterna estava a porta⁵⁹. Aqueles que se identificaram com o Cristo⁶⁰, apesar do indizível sofrimento, sentido inclusive na pele, “ressuscitaram e reinaram com Cristo durante mil anos.” (Ap 20, 4c).

Como já informado na teologia paulina, a identificação com os ídolos é, na verdade, identificação com os demônios que estão por trás dos ídolos (1Co 8,4) que os usam para enganar, fazendo com que se tornem cegos, sem entendimento e surdos para o ouvir o que o Espírito tem a dizer, “quem tem ouvidos, ouça”. Em Apocalipse 9,20-21, Beale entende que a influência demoníaca por trás dos ídolos não apenas os deixa anestesiados espiritualmente, mas os seus atos demoníacos são visivelmente manifestos. Diz assim, o referido texto de Apocalipse:

O restante da humanidade que não morreu por essas pragas nem assim se arrependeu das obras de suas mãos; eles não pararam de adorar os demônios e os ídolos de ouro, prata, bronze, pedra e madeira, ídolos que não podem ver, nem ouvir, nem andar. Também não se arrependeram dos seus assassinatos, das suas feitiçarias, da sua imoralidade sexual e dos seus roubos.

⁵⁹ Apocalipse 14, 14-20;

⁶⁰ Apocalipse 22, 4: Eles verão a sua face, e o seu nome estará na testa deles.

Beale observa que os idólatras não apenas não se arrependem da idolatria como também não se arrependem das maldades que cometeram. Isso o leva a conclusão de que os pecados mencionados no versículo 21 talvez tenham sido inspirados nos Dez Mandamentos, visto que o primeiro mandamento é não ter outros deuses diante de Deus, seguido de três dos quatro pecados listados no texto levando a concluir que, de fato, a idolatria é o pecado que dá origem a todos os outros pecados como já observado na teologia paulina em Romanos 1,18-32.⁶¹

4 IDOLATRIA NO CONTEMPORÂNEO

O intento deste capítulo é mostrar que a idolatria ainda continua a ser o pecado basilar do povo de Deus. A diferença dos nossos dias para os contextos da Bíblia é que a sutileza dos ídolos é ainda mais sorrateira e extremamente complexa de ser identificada com clareza. Tentaremos, também, apresentar o caminho para abandonar a idolatria e centralizar a adoração no Deus verdadeiro.

4.1 ANÁLISE SOBRE IDOLATRIA MODERNA

A idolatria no presente século continua fortemente marcada pelo intenso debate sobre as diferenças entre Católicos Romanos e Protestantes, especialmente no Brasil. No berço da Reforma, as práticas de adoração a imagens ou Mariolatria, segundo Professor de História da Universidade de Sheffield, Anthony Milton, foram o ponto culminante para o questionamento de muitos escritores antipapais que trataram essas práticas como um “subconjunto do pecado da idolatria” (MILTON, 2002, p. 186).

Desde então, os cristãos católicos são alvo constante de ataques a sua fé por parte dos cristãos protestantes. Contudo, vimos nos capítulos anteriores que o mandamento de não ter outros deuses diante de Deus é um mandamento para o povo de Deus, sem exceção. Vimos também que as Escrituras tratam do pecado da idolatria não como um pecado isolado, mas como a porta de acesso a todos os outros pecados, segundo Beale (2014).

⁶¹ Beale, 2014.

Um dos principais líderes da Reforma Protestante, João Calvino, teólogo e escritor, afirma em uma de suas obras primas chamada *Institutas da Religião Cristã* que o coração humano é uma perpétua fábrica de ídolos⁶². Calvino compreendia que o problema da idolatria não é restrito a uma posição teológica ou qualquer denominação, a propósito, chegou a participar de conferências que visavam aproximar protestantes e católicos, em 1538⁶³. Portanto, para o francês, a idolatria se trata de uma disposição do coração em buscar constantemente aquilo que satisfaz os desejos egoicos em detrimento das instruções de Deus para a vida. O professor de Estudos Bíblicos *Marshall Sheppard no Regent College*, Ian Provan, foi pontual em ao comentar sobre o pecado da idolatria⁶⁴:

A idolatria fundamental mencionada na Bíblia também está no âmago das diversas idolatrias modernas: a idolatria do ego (egolatria). O “ego” se põe no centro da existência como um deus: o sentido supremo se encontra na autonomia do indivíduo autodivinizado, nos objetivos e limites estabelecidos pelo eu.

Ainda neste sentido, o renomado pastor e teólogo americano, Timothy J. Keller, em seu livro *Deuses Falsos*, fala que a pior coisa que pode acontecer ao ser humano é realizar seus maiores desejos (KELLER, 2010, p. 23). O alicerce do pensamento de Keller é de que a idolatria moderna continua com a mesma essência da idolatria na Bíblia, porém, hoje, na devoção ao sexo, poder, dinheiro, carreira, filhos, cônjuge, amor, sucesso, prosperidade financeira um vício ou qualquer outra coisa que o adorador encontre significado e satisfação. O problema do idólatra, segundo Keller, está em tornar coisas boas, coisas que podem ser bênçãos para si mesmo e para outros naquilo que é último e absoluto. Significa que se perdermos ou não conquistarmos aquilo é último, a vida não tem mais sentido. Keller afirma (2010, p. 24 – 25):

Todo ser humano precisa viver por algo. Algo deve capturar nossa imaginação, a lealdade e esperança mais fundamentais de nosso coração. Mas a Bíblia nos diz que, sem a intervenção do Espírito Santo, esse objeto nunca será o próprio Deus. Em vez disso, olharemos para algo bom e concedermos a isso uma devoção que é, em essência, adoração.

⁶² John Calvin: *Institutes of the Christian Religion*. Book 1, chapter XI, p. 104.

⁶³ História da Igreja: João Calvino – síntese biográfica. Disponível em <<https://cpaj.mackenzie.br/historia-da-igreja/movimento-reformado-calvinismo/joao-calvino/joao-calvino-sintese-biografica/>>

⁶⁴ Ian Provan, *To Highlight All Our Idols: Worshipping God in Nietzsche’s World*, p.33.

Todas essas manifestações de idolatria que Keller trabalha em sua obra estão relacionadas ao indivíduo em si e, apesar de discretas, ainda podem ser identificadas mais facilmente por se tratar da observação de um indivíduo, ou seja, tudo o que ele fala, as coisas que busca e que se relaciona apontam para um ídolo em potencial. No entanto, segundo o autor, há ídolos que são mais difíceis de encontrar, que influenciam não apenas um ou alguns indivíduos, mas uma nação inteira. São os ídolos de nossa cultura e sociedade (2010, p. 117).

O primeiro é o deus do lucro. As grandes corporações e empresas privadas que visam unicamente o lucro em detrimento de valores como honestidade, compromisso com os empregados e com o meio ambiente. Empresas que visam lucrar acima de tudo tendem a sacrificar valores que são fundamentais para uma sociedade mais justa e saudável⁶⁵.

O segundo ponto levantado por Keller está relacionado aos ídolos na cultura⁶⁶. Para este, Keller faz uso do pensamento de Andrew Delbanco que escreveu um livro chamado *The Real American Dream: A Meditation on Hope*⁶⁷, Delbanco observa que a esperança fundamental de cada era consiste na seguinte sequência “Deus, Nação e Eu”. Sobre a primeira era ele diz que a esperança era expressa através do cristianismo que tinha respostas para o sofrimento, o prazer e a libertação da morte. Na segunda era, o iluminismo, Deus é removido e é substituído pela ideia de uma nação endeusada, ou seja, de que a América seria uma “nação redentora”. Na última fase, Delbanco afirma que entre os jovens a ideia do “América em primeiro lugar” não é mais um valor fundamental, agora, o pensamento está voltado para a liberdade do indivíduo e não mais a tradição comunitária⁶⁸.

A terceira observação de Keller agora é voltada para a religião. O autor afirma que as comunidades religiosas são ambientes em que a idolatria funciona de forma ampla⁶⁹. Keller aponta três formas de idolatria geralmente encontradas, a

⁶⁵ Keller, 2010, p. 117 – 118.

⁶⁶ Trata-se da cultura americana. Essa informação tem valor para o contexto brasileiro porque somos fortemente influenciados pela identidade americana de diversas formas como filmes, músicas, programas de TV e pela indústria de tecnologia com grande parte do mundo interagindo através de plataformas tais como Facebook, Twitter, Google, Amazon e a gigante em tecnologia, Apple. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/vert-tra-45302087>> Acesso em 15 de out. 2021, às 15h.

⁶⁷ O Verdadeiro Sonho Americano: Uma Meditação sobre a Esperança. (tradução nossa).

⁶⁸ Keller, 2010, 119 – 120.

⁶⁹ Ibidem, p. 121 – 122.

primeira ocorre quando a confiança está na “veracidade da doutrina para estar em comunhão com Deus e não no próprio Deus e sua graça”. A segunda forma de idolatria no campo religioso se dá quando os dons espirituais e o sucesso no ministério se tornam ídolos da comunidade. A terceira e última forma de idolatria consiste no desempenho moral, é achar que é possível colocar Deus e as pessoas em uma posição de devedor por viver uma vida virtuosa. Afirma Keller, “embora, com os lábios, cultuemos a Jesus como nosso exemplo e inspiração, ainda estamos procurando a salvação em nós mesmos e nossa batalha moral”.

Stephen C. Perks identifica outros três tipos de idolatria que tem enfraquecido a igreja contemporânea (PERKS, 2016, p. 4):

O cientificismo, a concepção de que a ciência, mais do que um método em busca da verdade, é ela mesma a verdade derradeira, uma estrutura capaz de fornecer sentido ao todo da realidade; a pedagogia humanista, que além de partir da concepção lockeana da criança como “folha em branco” ou “tábula rasa”, não levando em conta assim a doutrina do pecado original, concebe o aluno a partir somente de um aspecto – isto é, cidadão a serviço do Estado – transformando a escola em centro de doutrinação da religião humanista; e, por fim, o Estado como novo deus, aquele do qual dependem nossas vidas e bem-estar. Em última análise, o ídolo do Estado é talvez o mais ofensivo à glória de Deus.

Segundo Perks, o Estado é o mais ofensivo à glória de Deus porque ele é aquele que institui os dois primeiros ídolos e busca ousadamente dominar sobre a igreja de Cristo e não apenas isso, o Estado tem a prerrogativa de Messias, uma vez que o ser humano, exercendo sua liberdade, corre o risco de perder-se ou autodestruir-se, necessita de um salvador, afirma o autor. (PERKS, 2016, p. 6).

A mesma essência de pensamento sobre o Estado como ídolo, é o caso do profeta Jonas apresentado por Keller. Segundo o autor, Jonas colocava o “interesse nacional de Israel acima da obediência a Deus e do bem espiritual dos ninivitas”. Segundo o autor, a Assíria exigia de Israel um tipo de tributo que servia como garantia de proteção contra uma investida do império e esse seria um dos impedimentos para Jonas não obedecer a ordem de Deus de levar o aviso a Nínive sobre a fúria divina que viria sobre eles. Outra razão plausível para justificar a desobediência do profeta, é que os assírios eram um povo extremamente cruel e violento e por isso não merecia a benevolência de Deus. Para Keller, Jonas havia sido moldado por um ídolo cultural, fazendo com que o patriotismo israelita do profeta o fizesse sentir-se superior aos ninivitas. (KELLER, 2010, p. 124 – 125).

Outra forma de idolatria nos é apresentada a partir da extraordinária percepção de Norma Cristina Braga Venâncio em sua obra de dissertação de mestrado intitulada “Ou Deus, ou nada: a idolatria como oscilação da autoimagem à luz da teoria mimética de René Girard”. Julgar é uma característica constitutiva dos indivíduos, julgamos o que é certo e errado, julgamos a viabilidade de uma viagem em família, julgamos os outros e a si mesmos pelas ações realizadas sejam elas boas ou más. O problema reside em quando nos julgamos melhores ou piores que os outros, a oscilação da autoimagem observada por Venâncio. É esse movimento pendular de comparações identitárias encontrada na obra de Girard, chamada de teoria do “desejo mimético”⁷⁰, que a autora se apoia para tentar descrever a idolatria que, ao seu ver, pode se harmonizar com as análises do tema feitas pela tradição reformada que é sua base de compreensão sobre idolatria.

Antes de abordar exaustivamente o problema da idolatria a luz da teoria do desejo mimético, Venâncio dedica-se a apresentá-lo a partir da ilustração feita pelo próprio Girard em que mostra como funciona o mecanismo mimético. “A figura de um triângulo formado pelo *sujeito*, pelo *mediador* (a quem o sujeito imita) e pelo *objeto* (algo ou alguém que o sujeito passa a desejar porque foi indicado pelo mediador ou porque está em sua posse)”⁷¹ :

Girard apresenta dois modos de mediação. Na externa, o mediador pode ser Deus, Cristo, os santos católicos, algum guru já morto, um personagem de ficção, um autor de livro etc. Para Dom Quixote, o mediador é Amadis de Gaula, o escritor que o inspirou a encarnar o cavaleiro andante e buscar aventuras; para Madame Bovary, o mediador é o romancista água-com-açúcar com suas imagens idílicas da Paris *à la mode* e casos amorosos, que a inspira a desprezar a vida pacata do interior com seu marido e buscar o adultério. Nos dois casos, o mediador está longe demais e não entra em relação direta com o sujeito; não há competição pela posse do mesmo objeto. Na mediação interna, porém, o mediador a inspirar o desejo está próximo, e assim se estabelece uma relação de profunda ambiguidade entre ambos, de veneração e rancor. Afinal, o mediador estabelece o objeto do desejo, mas, estando próximo demais, torna-se inevitavelmente um competidor pela posse do objeto⁷²

⁷⁰ É Realizações. Teoria mimética: uma teoria do desejo – Conceitos fundamentais. “Embora todos eles tenham usado a mimesis de forma semelhante – com o sentido de cópia ou imitação –, com René Girard esse termo recebeu uma aplicação de alcance mais abrangente. (...) Girard compreende o ser humano como mimético porque ele não possui a autonomia de desejar livremente, mas apenas se mediado por um outro indivíduo”. Disponível em < <https://www.erealizacoes.com.br/blog/teoria-mimetica/> > Acesso em: 26 de nov. de 2021

⁷¹ Venâncio, 2018, p.64.

⁷² Ibidem, p. 64,65.

Venâncio entende que o apego exagerado ao objeto do desejo é apenas um meio para se chegar ao verdadeiro ídolo. Para a autora, idolatria tem mais a ver com ser do que ter, o indivíduo se apega a um objeto para se tornar aquilo que deseja. No relacionamento triangular apresentado por Girard, aquele que apresenta o objeto a ser desejado (mediador), também pode passar a ocupar a posição do sujeito desejante, elegendo para si outro mediador.

Os relacionamentos que nos rodeiam também inspiram em nós “movimentos de prostração e de autoelevação: ora nos oferecemos como ídolos ao outro, ora buscamos ídolos no outro”. (VENÂNCIO, 2018, p. 140). A espinha dorsal deste esquema é figura do mediador, ele é ao mesmo tempo venerado e odiado. Ao passo que o sujeito admira o mediador e se inspira para ser como ele, o mediador passa ser o inimigo que o sujeito pretende assumir o lugar. Para a autora, essa é uma dinâmica ambígua em que até o mediador é envolvido, porque busca acima de tudo a deificação aos olhos do sujeito, mas procura proteger o objeto desejado para não o perder, fazendo do sujeito igualmente inimigo.

Em nosso entender, esse modelo ambíguo (“a veneração mais submissa ao lado do rancor mais intenso”), com a duplicidade ser como/ser contra, está tipificado no relato da Queda em Gênesis 3. O Livro de Apocalipse usa a mesma imagem que surge nesse relato, “a antiga serpente”, para qualificar o diabo, ou Satanás, de “sedutor de todo o mundo” (Ap 12.9). (...) a serpente não se valeu de uma argumentação muito elaborada, mas acenou ao primeiro casal com uma proposta de “ser como Deus” que foi vendida como imitação saudável, mas na verdade se revelou algo de uma ambiguidade profunda que, uma vez aceita, passaria a funcionar para a humanidade como uma espécie de matriz de todo relacionamento idólatra.⁷³

Esta referência ao relato da Queda, nos indica que se trata de um dos tipos de mediação mencionados acima, a externa. Aqui, temos Deus como mediador e o casal como sujeitos e não há uma competição pela posse do mesmo objeto. Há também um terceiro personagem, este não entra na categoria de mediador nem de sujeito, a serpente, que é o diabo ou Satanás, compreendido como aquele “que engana o mundo todo”⁷⁴. No relato bíblico, após a criação de todas as coisas, Deus enuncia sua ordem juntamente com a sentença, em caso de desobediência a essa ordem, a morte:

⁷³ Ibidem, p. 142.

⁷⁴ Ap 12,9.

O Senhor Deus colocou o homem no jardim do Éden para cuidar dele e cultivá-lo. E o Senhor Deus ordenou ao homem: “Coma livremente de qualquer árvore do jardim, mas não coma da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em que dela comer, certamente você morrerá⁷⁵.”

Ao apresentar argumentos que indicam uma ação estratégica argumentativa e sagaz da serpente para minar a confiança de Eva em Deus, Venâncio argumenta que primeiro ela procura apaziguar o medo de Eva da morte e, em seguida, “traz sua mimesis para um foco não no ter, mas no ser do modelo: ‘Porque Deus sabe que, no dia em que dele comerdes se abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal’ (Gn 3.5)”⁷⁶. A armadilha diabólica é para que o casal se deixe levar pelo desejo mimético em que a imitação⁷⁷ saudável de Deus, em vigor até então, fosse substituída pelo desejo de ser como Deus. A proposta do maligno é que o casal passe ser como a imagem e semelhança do próprio diabo, em vez de à imagem e semelhança de Deus, afirma Venâncio. (2018, p.147).

Em vez de um tranquilo e instintivo imitar de Deus, portanto, que já ocorria no Éden, a serpente propõe à mulher uma relação mimética, algo que paralisasse a humanidade diante de um dualismo: uma oposição sem conciliação. De que modo? Ela os instiga a ser como Deus sendo contra Deus ao mesmo tempo: a admirar a capacidade de Deus quanto a conhecer o bem e o mal, mas diminuir seu poder, sua autoridade e sua bondade com todo o processo que envolve a desobediência. Ou seja, a admirar e odiar ao mesmo tempo. Um olhar próprio à criatura – de sujeição e gratidão – foi substituído por um olhar invejoso e desprezador. (...) Portanto, se o relato da Queda pode ser pensado como o primeiro triângulo mimético da história, um esquema que passou a representar todos os relacionamentos idólatras futuros, segue-se que, nesse triângulo, o primeiro casal é o sujeito, e o objeto desejado é o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. O diabo se oferece como mediador-concorrente, apontando para o objeto que Deus proibira; ao desejar segundo o diabo e não segundo Deus, Eva realizou uma “transferência de fé”, da palavra de Deus para a palavra do diabo. Com isso, acatou a mediação do diabo. Ao aceder ao fruto que Eva lhe estendeu, Adão, por sua vez, imitou a Eva em vez de conservar seu lugar na criação como liderança do casal (“visto que atendeste à voz de tua mulher e comeste da árvore que eu te ordenara não comesses...”, diz-lhe Deus em Gn 3.17). A ordem de Deus foi invertida ao mesmo tempo no nível vertical e no nível horizontal: a mulher obedece ao animal e o homem obedece à mulher – um tema que o apóstolo Paulo maneja de modo impressionante em Romanos 1. Toda a criação mergulha em indistinção e rivalidade.⁷⁸

⁷⁵ Gn 2,15-16.

⁷⁶ Venâncio, 2018, p. 146

⁷⁷ Cf. Citação de Venâncio, p. 146, do texto de Joe Rigney sobre a imitação de Adão a Deus.

⁷⁸ Ibidem, p.148-151.

Ao dar ouvidos ao diabo, e desejar o fruto proibido, o casal decide atender ao desejo de seus anseios ignorando completamente a ordem divina almejando estar no mesmo patamar que o Criador. O diabo como mediador intruso, conquistou a fé daquilo que é considerada a coroa da criação, a humanidade. Não apenas isso, fez para si discípulos. Quando mentimos, o que é isso senão uma imitação do próprio diabo como disse Jesus sobre o fariseus: “Vocês pertencem ao pai de vocês, o diabo, e querem realizar o desejo dele (...) Quando mente [o diabo], fala sua própria língua, pois é mentiroso e pai da mentira”⁷⁹.

A idolatria nasce do impulso humano de fundar a si mesmo de forma autônoma e independente de Deus, porém, o intento culmina em um fracasso total porque o homem não instaura sozinho o seu “eu”, é dependente do outro para realizar tal façanha, afirma Venâncio⁸⁰. Continua a autora, concluindo que a reparação deste problema está na restauração da imagem correta de Deus e no correto posicionamento da nossa própria imagem bem como a imagem de nosso semelhante, por meio de Jesus. A parte de Deus, as relações humanas não passam de relações de interesses próprios, portanto, idolatria. A idolatria é “suplantada ao logo das vivências relacionais, no processo contínuo de santificação”⁸¹. O elo dessas relações humanas deve ser o amor genuíno ao próximo, sem se deixar levar por essa dinâmica de elevar ou rebaixar o adorador, diz Venâncio. É o que Jesus propõe quando coloca o ato de amar em sua devida ordem “ame o Senhor, o seu Deus de todo o teu coração, e de toda a sua alma, e de todo o seu entendimento (...) [e] o seu próximo como a si mesmo” (Mt 22,37-39).

⁷⁹ Jo 8,44.

⁸⁰ Venâncio, 2018, p. 161.

⁸¹ *Ibidem*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como livra-se da idolatria? A resposta a essa pergunta parece óbvia, abandonar os ídolos e direcionar toda a adoração ao único que é digno de ser adorado, Deus. Contudo, o que parece mais óbvio e realista é que não há um antídoto definitivo para este mal, o que dá ainda mais força para a afirmação de Calvino quando diz que o coração humano é uma eterna fábrica de ídolos. É uma produção ininterrupta e inexorável de coisas que entram e saem de vidas que ocupam o lugar que somente Cristo deve estar. Como vimos em todas as abordagens desse trabalho, a idolatria na Bíblia aparece de maneira multifacetada, como se fosse adaptável a época e aos indivíduos da mesma. Porém, a assombrosa realidade é que os indivíduos encontram constantemente formas de substituir a adoração a Deus pela adoração àquilo que lhe convém, àquilo que satisfará os desejos de seu coração. O irremediável fracasso em adorar somente a Deus “é uma marca de que o coração inteiro está em algo além de Deus”⁸² desde que o homem optou por satisfazer sua vontade de ser conhecedor do bem o mal, tomado pela ambição ser como Deus.

O exaustivo trabalho dos filósofos judeus Halbertal e Margalit na tentativa de explicar o pecado da idolatria, constata que não se trata apenas de um problema ritualístico, mas está fortemente relacionado a uma vida toda construída em cima de “valores finitos e objetos criados e transformados em deuses absolutos”⁸³. Para Rosner, a idolatria é o “diagnóstico da condição humana” para a qual o remédio é o Evangelho, as boas novas de que Deus reconcilia de volta os portadores de sua imagem em Cristo⁸⁴. Já Beale, sugere a autocrítica para identificar se está no pecado da idolatria e uma das formas de saber é fazendo um questionamento a si mesmo “quanto tempo é investido na leitura da Palavra e meditação nela?”. A outra sugestão de Beale é conformar-se cada vez mais a imagem do Cristo por meio do Espírito Santo. A adoração a deuses falsos, segundo Beale, faz com a pessoa vá se “esvaziando” do Espírito⁸⁵.

Timothy Keller sugere a substituição dos ídolos. O autor usa como base para o seu argumento a expressão usada no versículo 5 de Colossenses 3 “fazer

⁸² Keller, 2010, p. 150.

⁸³ Ibidem, p. 146.

⁸⁴ Rosner, 1999, p.29.

⁸⁵ Beale, 2014, p. 306 – 307.

morrer” os terríveis desejos do coração⁸⁶. A maneira de cumprir tal façanha está contida na “apreciação, alegria e descanso” no sacrifício de Jesus, é o que ele entende quando o apóstolo Paulo diz “procurem as coisas que são do alto, onde Cristo está assentado à direita de Deus”. (Cl. 3, 1). Significa que Cristo deve se tornar mais atrativo do que o ídolo. Isso envolve adoração genuína e alegre bem como senso de realidade ao orar a Deus. Seria inútil erradicar a idolatria e fracassar ao substituir pelo amor de Cristo, afinal, assim entende o autor, todo mundo adora, a única diferença é o que adora. Com isso, Keller não defende que uma vez extirpado o ídolo, livre para sempre, ao contrário, é direto em afirmar que isso não seja possível nesta vida, mas que é um processo de uma vida inteira que exigirá paciência⁸⁷.

Por fim, para suplantarmos a idolatria como oscilação da autoimagem (teoria girardiana que identificou esse movimento pendular) fortemente centrada no “eu”, Venâncio afirma ser necessário chegar ao equilíbrio entre os extremos de considerar-se como nada e a autoelevação. Em ambos, a centralidade é em si e pode levar a autodestruição ou a destruição do outro. Somente a pessoa de Cristo é capaz de “restabelecer a hierarquia absoluta e a igualdade entre os homens”⁸⁸. É a canalização do amor para seu fim original, como o planejado pelo Criador que nos fez à sua imagem e semelhança.

⁸⁶ Keller, 2010, 149.

⁸⁷ Ibidem, p. 149 – 154.

⁸⁸ Venâncio, 2018, p. 163.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEALE, G. K. *Você se torna aquilo que adora: uma teologia bíblica da idolatria*. Tradução de Marcus Throup. São Paulo: Vida Nova, 2014.

BORING, M. Eugene. *Revelation - Interpretation: a bible commentary for teaching and preaching*. Louisville: John Knox Press, 2011.

CALVIN, John. *Institutes of the Christian Religion*. Translated from the latin and collated with the author's last edition in French by John Allen. Philadelphia: Presbyterian Board of Publication, vol. I, 1909.

CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. Tradução: Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1997.

DELBANCO, Andrew. *The Real American Dream: A Meditation on Hope*. Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1999, p. 3, 23, citado em Timothy Keller, *Deuses Falsos: eles prometem sexo, poder e dinheiro, mas é disso que você precisa?* p. 119 – 121. Tradução Érika Koblitz Essinger. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2010.

DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. *Introdução ao Antigo Testamento*. Tradução: Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2006.

DUNN, James D. G. *A Teologia do Apóstolo Paulo*. Tradução: Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 2003.

FEE, Gordon D., STUART, Douglas. *Entendes o que lê?: um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica*. São Paulo: Vida Nova, 2011.

FINKELSTEIN, I.; SILBERMAN, N. A. *The Bible Unearthed. Archaeology's New Vision of Ancient Israel and the Origin of Its Sacred Texts*. New York: The Free Press, 2001.

HALBERTAL, Moshe; MARGALIT, Avishai. *Idolatry*. Translated by Naomi Goldblum from Hebrew. United States of America: Harvard University Press, 1992.

História da Igreja: João Calvino – síntese biográfica. Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper. Disponível em: <<https://cpaj.mackenzie.br/historia-da-igreja/movimento-reformado-calvinismo/joao-calvino/joao-calvino-sintese-biografica/>> Acesso em: 14 de out. 2021 às 17:00.

HOFF, Paul. O Pentateuco. Belo Horizonte – MG, Editora Vida, 1995. E-book disponível em < <https://docero.com.br/doc/xvnvs0> >. Acesso em: 22 de nov. de 2021.

JOHNSTON, Mark. *Saving God: religion after idolatry*. Princeton: New Jersey, 2009.

KELLER, Timothy. *Deuses Falsos: eles prometem sexo, poder e dinheiro, mas é disso que você precisa?* Tradução Érika Koblitz Essinger. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2010.

LADD, George Eldon. *Apocalipse: introdução e comentário*. São Paulo: Mundo Cristão, 1986.

MILTON, Anthony. *Catholic and Reformed: The Roman and Protestant Churches in English Protestant Thought, 1600 – 1640*. Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press, 2002.

OLIVEIRA, Karina Santos de. “À semelhança de homem e mulher” Um estudo sobre a representação humana em Dura Europos à luz do interdito bíblico. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2015.

PERKS, Stephen C. A Adoração a Baal: antiga e moderna. Tradução Fabrício Tavares de Moraes. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2016. E-book Kindle.

PERKS, Stephen C. *Adoração a Baal: Antiga e Moderna*. Tradução Fabrício Tavares de Moraes. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2016. E-book Kindle.

PROVAN, Ian. *To Highlight All Our Idols: Worshipping God in Nietzsche’s World*. Ex *Auditu* 15, 1999, p. 19-38, citado em G. K. Beale, *Você se torna aquilo que adora: uma teologia bíblica da idolatria*, p. 139. Tradução de Marcus Throup. São Paulo: Vida Nova, 2014.

ROSNER, Brian S. The Concept of Idolatry. **Themelios**, Leicester, v. 24, n. 3, p. 21-30, mai. 1999.

TEIXEIRA, César; SILVA, Antonio Wardison C. *A cultura da mesa de refeição e o seu aspecto teológico religioso*. Revista Eletrônica Espaço Teológico, v. 7, n. 11, jan/jun, 2013, p. 02-11. Disponível em: <revistas.pucsp.br> Acesso em: 5 de out. 2021 às 10:16.

VENÂNCIO, Norma Cristina Braga. *Ou Deus, ou nada: a idolatria como oscilação da autoimagem à luz da teoria mimética de René Girard*. Dissertação (Mestrado em Divindade) – Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, São Paulo, 2018